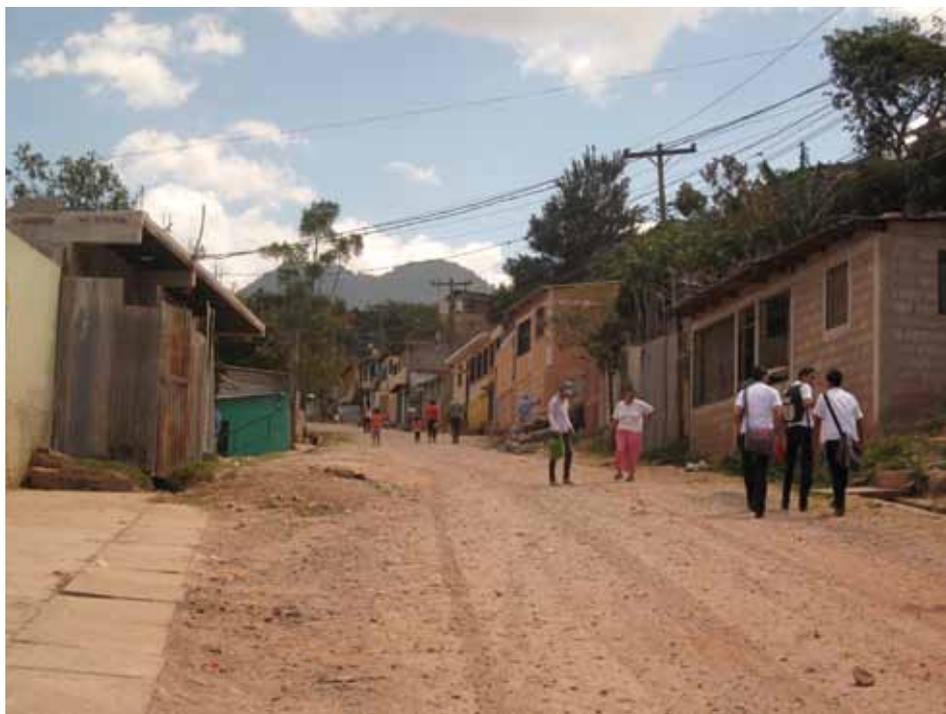


Sementes de esperança em meio à violência

Miriam Mondragon



Sarah Newham / Tearfund

Muitas áreas com altos níveis de violência também são pobres, como esta comunidade da capital hondurenha, Tegucigalpa.

Com 20 assassinatos cometidos a cada dia, as Nações Unidas consideram Honduras o país mais violento do mundo. A violência e a insegurança são vistas pelos próprios hondurenhos como o principal problema do país. O crime organizado exerce influência em todos os níveis do Estado. Os traficantes de drogas possuem servidores públicos às suas ordens, o que impede que a justiça seja feita.

No âmbito local, nos bairros e distritos urbanos, bem como nos povoados e nas aldeias rurais, as gangues controlam desde o comércio de rua de drogas pesadas e leves (maconha, cocaína e anfetaminas) até a extorsão, o sequestro e o assassinato dos próprios vizinhos, frequentemente com a proteção de membros da polícia e das forças armadas. Em Honduras, ninguém precisa ser

convencido da necessidade urgente de prevenir a violência e mudar a situação atual.

Construindo pontes

A pergunta que surge em tal situação é como nós, enquanto cristãos e igrejas, podemos assumir o desafio profético de "manter a justiça e praticar o que é direito" (Isaías 56:1) em meio a tal violência e quando o medo

é real e paralisante. Contudo, apesar dessa situação aparentemente desesperadora, sementes de esperança foram lançadas e agora estão começando a produzir frutos. Uma dessas sementes é a Aliança Cristã pelo Diálogo e pela Conciliação (*Alianza Cristiana por el Diálogo y la Conciliación*), que surgiu como uma iniciativa da Igreja e organizações após o golpe de estado de 2009 em Honduras, o qual deixou o país profundamente dividido e contribuiu para o atual clima de violência. A Aliança começou criando espaços para o diálogo e a reconciliação entre grupos em conflito sob o lema "Construindo Pontes de Paz". Desde então, ela passou a concentrar seu foco na inspiração e mobilização da Igreja em torno da prevenção da violência, uma vez que os próprios membros das igrejas vivem em áreas violentas e podem desempenhar um papel fundamental na construção da paz.

Trabalho prático de prevenção

Já foi visto que o melhor antídoto contra a violência atual e futura é a prevenção, e não há nada melhor do que trabalhar com as crianças e os jovens em risco. Juntamente com a União Bíblica de Honduras (*Unión Bíblica de Honduras*), a Aliança promoveu o programa "Fim à violência – uma mensagem de Deus", voltado para jovens das escolas do país. O programa teve início na Argentina,

Leia nesta edição

- 3 Estudo bíblico
- 4 Eleições pacíficas para todos
- 5 Editorial
- 6 Recursos
- 7 Análise de conflitos prática
- 8 Mapa do conflito
- 10 Pacificadores em ação
- 12 Habilidades práticas: facilitação de diálogo
- 14 Da R. D. Congo ao Reino Unido: treinamento em resolução de conflitos e educação para a paz
- 15 Cartas
- 16 Violência sexual em zonas de conflito

Passo a Passo

A *Passo a Passo* é uma publicação que aproxima pessoas envolvidas na área de saúde e desenvolvimento em todo o mundo. A Tearfund, responsável pela publicação da *Passo a Passo*, espera que esta revista estimule novas ideias e traga entusiasmo a essas pessoas. A revista é uma maneira de encorajar os cristãos de todas as nações em seu trabalho conjunto na busca de integração das nossas comunidades.

A *Passo a Passo* é gratuita para os agentes de desenvolvimento de base e líderes de igrejas. As pessoas que puderem pagar podem fazer uma assinatura entrando em contato com a Editora. Isto permite que continuemos fornecendo exemplares gratuitos às pessoas que mais precisam.

Os leitores são convidados a contribuir com suas opiniões, artigos, cartas e fotografias.

Editoras: Alice Keen e Helen Gaw
Tearfund, 100 Church Road, Teddington,
TW11 8QE, Reino Unido

Tel: +44 20 8977 9144
Fax: +44 20 8943 3594

E-mail: publications@tearfund.org
Site: www.tearfund.org/tilz

Editora de Línguas Estrangeiras: Helen Machin

Nosso agradecimento especial a
Jeremy Taylor e Joel Hafvenstein

Comitê Editorial: Ann Ashworth, Sally Best,
Mike Clifford, Steve Collins, Paul Dean,
Martin Jennings, Ted Lankester, Melissa Lawson,
Liu Liu, Mary Morgan, David Scott, Naomi Sosa,
Shannon Thomson

Design: Wingfinger Graphics, Leeds

Tradução: I Deane-Williams, E Frias, A Hopkins,
M Machado, M de Matos, W de Mattos Jr,
N Ngueffo, G van der Stoel, S Tharp

Assinatura: Escreva para o endereço ou e-mail
acima fornecendo algumas informações sobre o seu
trabalho e dizendo que idioma prefere (português,
francês, inglês ou espanhol).

e-Passo a Passo: Para receber a *Passo a Passo* por
e-mail, registre-se no site TILZ. Siga o link "Assine a
Passo a Passo eletrônica".

Mudança de endereço: Quando informar uma
mudança de endereço, favor fornecer o número de
referência que se encontra na sua etiqueta de
endereço.

Direitos autorais © Tearfund 2014. Todos os direitos
reservados. É permitida a reprodução do texto da
Passo a Passo para fins de treinamento, desde que os
materiais sejam distribuídos gratuitamente e que a
Tearfund Reino Unido seja mencionada como sua
fonte. Para qualquer outra utilização, favor entrar em
contato com publications@tearfund.org para obter
permissão por escrito.

As opiniões e os pontos de vista expressos nas cartas
e nos artigos não refletem necessariamente o ponto
de vista da Editora ou da Tearfund. As informações
técnicas fornecidas na *Passo a Passo* são verificadas o
mais minuciosamente possível, mas não podemos nos
responsabilizar caso ocorra algum problema.

A **Tearfund** é uma agência cristã de desenvolvimento
e assistência em situações de desastres que está
formando uma rede mundial de igrejas locais para
ajudar a erradicar a pobreza.

Tearfund, 100 Church Road, Teddington,
TW11 8QE, Reino Unido.
Tel: +44 20 8977 9144

Publicado pela Tearfund, uma companhia limitada por
garantia, registrada na Inglaterra sob o nº 994339.

Instituição Beneficente nº 265464

(Inglaterra e País de Gales)

Instituição Beneficente nº SC037624 (Escócia)

com o objetivo de prevenir a violência entre os torcedores de futebol. Em Honduras, com a permissão do Ministério da Educação, centenas de voluntários de igrejas foram treinados na prevenção de violência nas escolas e agora oferecem um programa de 15 aulas semanais para ajudar os jovens a tomarem as decisões certas. O programa inspirou entre 10 e 15 por cento dos jovens para se tornarem "agentes de mudança", com a tarefa de prevenir a violência e a intimidação ("bullying") na escola.

Apoio às vítimas

Outro membro da Aliança, a Associação para uma Sociedade mais Justa (*Asociación para una Sociedad más Justa – ASJ*), foi formado por cristãos comprometidos, em 1998, e tem lutado para tornar o sistema de justiça acessível aos setores mais vulneráveis da sociedade. Uma das suas iniciativas mais bem-sucedidas é o Programa *Gedeón*, que oferece atenção psicológica e assessoria jurídica às vítimas da violência ou a pessoas com outros problemas jurídicos ou psicológicos em seus escritórios dentro de igrejas em comunidades pobres. Uma vez que a maioria das vítimas dos crimes violentos (extorsão, assalto, estupro, assassinato por parte das gangues locais) nunca pôde dar queixa oficialmente, a ASJ decidiu dar mais um passo e iniciar o Programa Paz e Justiça (*Programa Paz y Justicia*), que visa satisfazer as necessidades das vítimas e prestar-lhes apoio. O *Paz y Justicia* conta com uma equipe de advogados, pesquisadores e psicólogos que trabalham estreitamente com as vítimas e as testemunhas para garantir a

Questões para discussão em grupo

- O que você aprendeu com este artigo?
- Que problemas de violência existem na sua comunidade?
- Como você poderia participar da prevenção contra a violência?
- De que tipo de recursos você precisaria para esse trabalho?
- Com quem você poderia trabalhar para alcançar a transformação?

realização da justiça. O *Paz y Justicia* serve de ponte entre os agentes da ordem pública e a comunidade. O programa:

- conduz investigações;
- presta apoio às vítimas durante o processo jurídico;
- oferece atenção psicológica para restaurar seu bem-estar emocional.

O trabalho do *Paz y Justicia* nas comunidades resultou numa redução de 60 por cento no índice de criminalidade e, até agora, em mais de 100 condenações de indivíduos e grupos criminosos. Este modelo bem-sucedido de cooperação entre a comunidade, o Estado e a sociedade civil agora está sendo estendido a novas comunidades.



Miriam Mondragon

Jovens clamando por justiça, em Honduras, reunidos num acampamento para promover a paz.

Unidos pela paz

Em âmbito nacional, a Aliança pela Paz e pela Justiça (*Alianza por la Paz y la Justicia – APJ*), um movimento iniciado por cristãos, está lutando por uma melhor segurança pública e exigindo mudanças no sistema de justiça para garantir que Honduras se torne um país onde as leis sejam respeitadas e a justiça para as vítimas da violência seja cumprida. Essa aliança causou um impacto considerável e é única em Honduras pelo fato de incluir setores bem diferentes, entre eles, ONGs, igrejas evangélicas e católicas, sindicatos trabalhistas, empresas, universidades e outros.

A Fraternidade Evangélica de Honduras (*Confraternidad Evangélica de Honduras*), que representa a maioria das igrejas evangélicas em âmbito nacional, também faz parte da Aliança. Honduras precisa que o corpo de Cristo erga uma voz profética contra a injustiça e a desigualdade e que advogados, psicólogos, jornalistas e outros profissionais cristãos usem seus conhecimentos para servir as pessoas pobres e vulneráveis.

Miriam Mondragon é a Coordenadora da Aliança Cristã pelo Diálogo e pela Conciliação (Alianza Cristiana por el Diálogo y la Conciliación).

Mais informações

- **Asociación para una Sociedad más Justa:**
(Espanhol) www.asjhonduras.com
(Inglês) www.ajshonduras.org
- **Alianza por la Paz y la Justicia:**
www.alianzapazyjusticia.com

ESTUDO BÍBLICO

Cristo triunfa sobre o conflito

David Scott

Deus ama a diversidade: Ele nos criou a todos para que fôssemos únicos, e isso é algo para ser celebrado. Em Gênesis 10, aprendemos como as diferentes identidades étnicas fazem parte dos propósitos de Deus. No Capítulo 11:1-9, descobrimos o que acontece quando as pessoas buscam a uniformidade cultural numa tentativa de dominar outros grupos de pessoas.

Ao longo da história, a identidade étnica frequentemente tem sido causa de conflito e tensão. Não deveria ser assim. A Bíblia diz que os seres humanos foram criados para viver numa relação harmoniosa com Deus e uns com os outros. A raiz do conflito é o rompimento das relações com Deus e não as diferenças étnicas ou culturais.

Leia Tiago 4:1-2; 1 João 2:9-11 e 4:20-21

- *O que essas passagens dizem sobre onde começa o conflito nas relações?*
- *O que nos ajuda a prevenir o conflito?*

Jesus veio para nos reconciliar com Deus através da cruz, colocando-nos em relações restauradas uns com os outros (Efésios 2:16; Colossenses 1:20). Em Cristo, as identidades étnicas e culturas são reunidas sem serem destruídas: todas as pessoas são vistas como iguais, com laços muito mais profundos do que os laços que unem outros grupos (Romanos 10:12-13; 1 Coríntios 12:12-13; Gálatas 3:28; Colossenses 3:11). Em vista disso, o povo de Deus é chamado para se concentrar na identidade compartilhada que possui em Cristo, a qual é mais importante do que os vínculos étnicos e culturais.

Leia Efésios 2:11-22

- *O que essa passagem diz sobre a reconciliação entre os judeus e os gentios?*
- *O que “um novo homem” significa nessa passagem (versículo 15)?*
- *O que significa nos tornarmos um novo povo unificado em Cristo?*
- *De que forma essa passagem o desafia na sua relação com cristãos de diferentes culturas ou grupos étnicos?*

Ao sermos reunidos na nova comunidade de Deus, somos colocados em relações com pessoas diferentes de nós. Essas diferenças devem ser uma fonte de bênçãos, porém, elas podem frequentemente ser uma fonte de tensão. A Bíblia diz que devemos nos

A Bíblia diz que devemos nos esforçar ao máximo para restaurar relações onde quer que haja conflito

esforçar ao máximo para restaurar relações onde quer que haja conflito (Romanos 15:5-6; 2 Coríntios 13:11; Efésios 4:1-6). Isso significa que precisamos prosseguir em arrependimento e perdão e saber que não há obstáculo cultural, étnico ou social que o amor de Cristo não possa superar (Mateus 18:21-35; Lucas 10:25-37; Colossenses 3:12-15).

Leia Lucas 6:27-42; Romanos 12:9-21; Filipenses 2:1-8

- *Que princípios encontramos nessas passagens para resolver conflitos e promover a paz?*
- *O que significa amar nossos inimigos?*
- *O que a passagem de Filipenses diz sobre a união?*

A Bíblia também diz que os cristãos devem desempenhar o papel de pacificadores na sociedade (Mateus 5:9). Primeiramente, enquanto “embaixadores de Cristo”, somos chamados a reconciliar as pessoas com Deus através do “evangelho da paz”, e elas consequentemente serão reconciliadas com o povo da aliança de Deus (2 Coríntios 5:18-20; Efésios 6:15). A igreja também é chamada a ser profética, mostrando à sociedade como as relações reconciliadas devem ser. A igreja deve mostrar o caminho de Cristo nas palavras, na presença e nas ações, refletindo o reino vindouro, onde todos os povos, nações, tribos e línguas glorificarão juntos a Deus (João 17:20-23; Apocalipse 5:9).

David Scott trabalha para a Tearfund na equipe para a Eurásia, América Latina e Caribe e, no momento, também está fazendo um doutorado em Teologia.

Eleições pacíficas para todos

As eleições para a escolha de representantes e líderes são uma forma de as pessoas se fazerem ouvir. Um sistema democrático permite que diferentes pontos de vista sejam debatidos num parlamento e evita que opositores tentem alcançar seus objetivos pela força.

Infelizmente, nos últimos anos, houve muita violência tanto antes quanto após as eleições. Os tumultos e confrontos geralmente ocorriam quando as pessoas que tinham votado nos partidos perdedores achavam que o processo eleitoral havia sido injusto. As acusações de fraude eleitoral eram frequentes, e os boatos espalhavam-se causando reações entre as pessoas reunidas para ouvir os resultados.

Vários parceiros da Tearfund trabalharam com o fim de prevenir a violência na época das eleições. A maior parte desse trabalho concentrou-se na promoção da paz antes das



Pessoas votando numa mesa eleitoral na Tanzânia.

eleições, trabalhando com líderes de igrejas, ativistas políticos e eleitores a fim de criar um ambiente positivo e seguro. O trabalho realizado pelo Reverendo Domnic Misolo, no Quênia, obteve resultados nas eleições bastante pacíficas de 2013. Até o fechamento

desta edição, as eleições ainda não haviam ocorrido no Zimbábue, mas Blessing Makwara nos conta como as igrejas estão trabalhando juntas e se preparando para o período eleitoral no seu país.

Estudo de caso – Zimbábue

As eleições de 2008 no Zimbábue foram seguidas de distúrbios inesperados e sangrentos.

A Igreja foi criticada por não fazer o suficiente para proteger as pessoas vulneráveis. A violência provocou medo generalizado, trauma, retirada e depressão coletiva, além de deixar ressentimento, frustração e sede de vingança em parte da população. A menos que seja feita justiça para as pessoas envolvidas na violência, a raiva e o desejo de vingança podem criar as condições necessárias para uma futura explosão. O atual período transitório, sob o Governo de Unidade Nacional (Government of National Unity – GNU), no Zimbábue, oferece oportunidades para que a Igreja desempenhe um papel fundamental manifestando-se em prol da paz, da justiça, da recuperação e da reconciliação, bem como facilitando a reabilitação do país.

A Iniciativa Ecumênica de Observação da Paz no Zimbábue (Ecumenical Peace Observation Initiative in Zimbabwe – EPOIZ), concentra-se em centralizar a educação, a mudança cultural e a espiritualidade em todas as tentativas genuínas de tornar a paz uma realidade na vida diária. A EPOIZ é um projeto da plataforma Chefes de Denominações Cristãs do Zimbábue (Zimbabwe Heads of Christian Denominations

– ZHOCD), que reúne quatro associações religiosas: Associação Evangélica do Zimbábue (Evangelical Fellowship of Zimbabwe – EFZ), Conferência de Bispos Católicos do Zimbábue (Zimbabwe Catholic Bishops' Conference – ZCBC), Conselho de Igrejas do Zimbábue (Zimbabwe Council of Churches – ZCC) e União para o Desenvolvimento da Igreja Apostólica no Zimbábue, África (Union for the Development of the Apostolic Church in Zimbabwe, Africa – UDACIZA). As igrejas também são fortalecidas através do apoio de parceiros internacionais de longas datas de dentro da Rede Ecumênica do Zimbábue (Ecumenical Zimbabwe Network – EZN) e de redes ecumênicas regionais e globais.

A principal meta da iniciativa é promover e proteger uma cultura de paz duradoura no Zimbábue e facilitar a recuperação e a reconciliação nacional. Enquanto membros do projeto EPOIZ, as igrejas comprometem-se especificamente a se manifestarem e trabalharem juntas na monitoração e no combate à violência e aos abusos dos direitos humanos.

Através do projeto EPOIZ, a Igreja emprega as seguintes estratégias e ações voltadas para a promoção, a construção, e manutenção da paz:

- Promoção de diálogo e envolvimento estratégico com as principais partes interessadas;

- Conscientização e comícios e encontros educativos;
- Monitoração de ações, processos e declarações dos partidos políticos, da mídia e do governo relativos à paz no longo prazo;
- Visitas pastorais e de solidariedade a áreas afetadas pela violência e envolvimento com a polícia e os líderes locais dessas áreas;
- Promoção da participação pacífica das pessoas nos processos eleitorais;
- Envolvimento dos principais membros da comunidade regional e internacional para promover a paz no Zimbábue.

Oramos para que, através dessas e de várias outras atividades com as quais estamos comprometidos, consigamos reduzir a violência antes, durante e depois das eleições, construindo a base de uma nova cultura de paz e justiça. A Igreja é a única instituição no Zimbábue que reúne pessoas de todas as camadas sociais, serve de consciência para a nação e ainda é valorizada pela sociedade tanto como pacificadora quanto autoridade moral.

Escrito por Blessing Makwara, Responsável Sênior de Programas da Associação Evangélica do Zimbábue (Evangelical Fellowship of Zimbabwe – EFZ).

Estudo de caso – Quênia

Enquanto nação, o Quênia é uma sociedade multiétnica, com mais de 41 tribos. A situação política é complexa, com vários interesses tribais, favoritismo e corrupção generalizada, causando tensão, a qual frequentemente se transformava em violência na época das eleições.

Após as eleições gerais de 2007/2008, houve várias alegações de grave fraude eleitoral e corrupção. Muitas pessoas contestaram o resultado. Cerca de 1.300 pessoas foram mortas na violência interétnica que se seguiu, e mais de 500.000 pessoas foram deslocadas. Ocorreram também estupros, saques e incêndios premeditados. Essa foi uma época de trevas para o Quênia.

Nossa organização, a Fundação Ekklesia para a Educação sobre o Gênero (Ekklesia Foundation for Gender Education – EFOGE), é uma organização não governamental registrada no Quênia que trabalha pela justiça e igualdade de gênero na África. Inspirado por outras organizações que realizam um trabalho semelhante em outros lugares, decidi que deveríamos fazer, nós mesmos, a diferença. O que mais me inspirou foi a ideia de, um dia, termos uma eleição pacífica e democrática no Quênia, capaz de manter a paz no longo prazo.

Como trabalho frequentemente com líderes de comunidades e de igrejas locais, sei que eles estão bem posicionados para influenciar e educar as comunidades sobre eleições pacíficas e coexistência. Com o incentivo de outras pessoas, conversei sobre as minhas ideias com o Reverendíssimo Bispo da Diocese Anglicana de Bondo, Johannes Angela. Em parceria, conseguimos realizar um curso bem-sucedido de treinamento, com duração de uma semana, sobre educação cívica e liderança. Recebemos mais de 160 líderes de igrejas e comunidades, bem como vários candidatos políticos, para discutir sobre como manter a paz durante as eleições. Abordamos tópicos específicos, como liderança e as eleições gerais quenianas,

democracia e o domínio da lei, devolução de poder e a nova constituição, etc.

Esse trabalho teve seus desafios. Precisei de coragem para falar sobre eleições pacíficas, pois, às vezes, nossa vida corria perigo. Nem sempre as pessoas entendiam o que estávamos tentando fazer. Algumas pensaram que queríamos convencê-las a não votarem num candidato em particular, mas, na verdade, estávamos falando sobre aceitar os resultados e seguirmos adiante como uma só nação e um só povo. Explicamos às pessoas que todos nós precisávamos confiar na estrutura jurídica da nova constituição. Outras pensaram que íamos impedir a liberdade de expressão se as eleições fossem contestadas. Foi difícil captar verbas para o curso de treinamento, mas elas foram providenciadas pelo Bispo de Bondo e pelo Conselho Mundial de Igrejas.

Em termos gerais, tivemos uma eleição muito pacífica na nossa região, em que os líderes pediram aos jovens para que não tomassem partidos e não provocassem as emoções das pessoas espalhando boatos de trapaça e fraude eleitoral. Apesar de o resultado não ter sido agradável para a maioria das pessoas da minha região e de uma petição ter sido apresentada ao Supremo Tribunal contestando os resultados, houve paciência, pois as pessoas confiaram no processo jurídico. Foram denunciados casos de trapaça e fraude, mas as pessoas permaneceram pacíficas e deixaram o tribunal dar seu veredicto. A decisão final não foi popular, mas a maioria das pessoas aceitou o veredicto do tribunal.

Aconselho outras pessoas a se envolverem nesse tipo de trabalho, pois acredito que os líderes de igrejas têm um papel vital a desempenhar no que diz respeito a alcançar a paz e pregar a democracia em países como o meu.

Escrito pelo Reverendo Dominic Misolo, fundador da EFOGE e membro do programa Indivíduos Inspirados (Inspired Individuals), da Tearfund, www.inspiredindividuals.org

EDITORIAL



Alice Keen
Editora

Todos nós passamos por conflitos na vida. Seja na nossa família, com colegas ou com vizinhos, há momentos em que discordamos dos outros. As disputas podem ter várias

causas, entre elas, terras, recursos naturais, água, poder político ou religião. Algumas pessoas dizem que, no século XXI, haverá cada vez mais conflito, pois mais pessoas estarão competindo pelos poucos recursos e compartilhando o mesmo espaço.

Nesta edição, concentramo-nos em situações em que o conflito se torna violento porque as pessoas procuram resolvê-lo através da força. Isso sempre tem um efeito destrutivo. Muitos leitores da *Passo a Passo* vivem em locais onde o conflito se tornou violento, alguns, durante um curto período de tempo, outros, por décadas. Sabemos que esse é um tópico que frequentemente nos afeta pessoalmente.

Porém, Jesus chamou-nos para que fôssemos pacificadores num mundo onde há conflito. Essa não é uma tarefa fácil. Ela acarreta perguntas e desafios profundos. Nos conflitos violentos, o que significa buscar a paz?

Essa pergunta começa a ser respondida por colaboradores da República Democrática do Congo, de Honduras, da Irlanda do Norte e do Quênia em seus artigos. Eles compartilham maneiras de buscar a paz e resolver conflitos antes que eles se tornem violentos. Também há ferramentas práticas para ajudá-lo a analisar conflitos (páginas 7–9) e facilitar o diálogo (páginas 12–13).

A próxima edição examinará formas de reunir recursos locais. Se houver algum tópico que você gostaria que abordássemos numa futura edição da *Passo a Passo* ou se desejar escrever uma carta para ser compartilhada com outros leitores, por favor, escreva-nos para o endereço de costume.

Que a paz esteja com você,

Alice



“Mesa eleitoral”

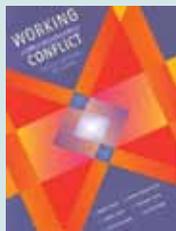
Site TILZ <http://tilz.tearfund.org/portugues> As publicações internacionais da Tearfund podem ser baixadas gratuitamente no nosso site. Pesquise qualquer tópico para ajudá-lo no seu trabalho.



Working with Conflict: skills and strategies for action

ISBN 1 85649 837 9

Esse livro de consulta (disponível em inglês e espanhol) é destinado a pessoas que trabalham em áreas afetadas por conflito e violência. Ele é útil para todos aqueles que trabalham nas áreas de desenvolvimento, ajuda humanitária, direitos humanos, relações comunitárias, paz e reconciliação em partes instáveis do mundo, com tendência ao conflito.



Fácil de usar, bem apresentado e com materiais visuais úteis, o livro oferece uma variedade de ferramentas práticas – processos, ideias, materiais visuais e técnicas – para lidar com o conflito. Essas ferramentas foram desenvolvidas ao longo de vários anos pela Responding to Conflict (RTC), em colaboração com profissionais de várias partes do mundo. O livro traz exemplos do Camboja, do Afeganistão, da África do Sul, do Quênia, da Irlanda do Norte e da Colômbia. Ele explica as opções disponíveis para indivíduos e organizações, equipa-os para que planejem respostas adequadas e fortalece

Sites interessantes

Insight on Conflict

(www.insightonconflict.org)

...fornece informações sobre organizações locais de construção da paz em áreas de conflito e traz estudos de casos, blogs e recursos. O site é uma iniciativa da Peace Direct (www.peacedirect.org), uma instituição beneficente do Reino Unido que encontra, financia e promove a construção da paz local em situações de conflito.

The Conflict Sensitivity Consortium

(www.conflictsensitivity.org)

...sua finalidade é promover a sensibilização sobre o conflito nos setores de desenvolvimento e ajuda humanitária. Seu útil guia "How to guide to conflict sensitivity" (Guia para a sensibilização sobre conflitos) pode ser baixado no site da organização.

Rede Family Links

Em épocas de conflito armado ou desastres naturais, os membros de uma família podem acabar separados. O Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho (inclusive o Comitê Internacional da Cruz Vermelha e das Sociedades Nacionais) trabalha ao redor do mundo para localizar pessoas e recolocá-las em contato com seus parentes. O Movimento também pode transmitir mensagens entre os familiares caso os meios normais de comunicação estejam interrompidos. A capacidade do

Movimento de encontrar pessoas depende das informações fornecidas e das circunstâncias locais, inclusive a situação de segurança.

O Movimento é uma rede humanitária neutra e imparcial e está aberto a pessoas de todas as religiões ou sem religião, procurando servir a todos exclusivamente conforme a necessidade. Para procurar um parente desaparecido ou obter mais informações, acesse www.familylinks.icrc.org ou entre em contato com o escritório da sua Sociedade Nacional.

sua capacidade para que se envolvam em intervenções úteis.

Para comprar o livro, escreva para a RTC pelo e-mail enquiries@respond.org ou para o endereço:

Responding to Conflict, 1046 Bristol Road, Birmingham, B29 6LJ, Reino Unido

Preço: Versão em inglês £15*, versão em espanhol £17,99 mais a remessa postal e embalagem *mencione a *Passo a Passo* para pagar esse preço com desconto

ROOTS 4: Construindo a paz dentro das nossas comunidades

ISBN 1 904364 10 1

Esse guia da Tearfund é ideal para os cristãos que trabalham em situações de conflito e estão buscando a paz. Ele explora a teoria do conflito e da reconciliação e oferece uma base bíblica para o envolvimento



na construção da paz. O guia compartilha o aprendizado de parceiros da Tearfund que trabalham no campo da paz e da reconciliação e traz várias ideias práticas para iniciativas de paz e reconciliação. Esse guia está disponível em português, inglês, francês e espanhol.

Para encomendar *ROOTS 4* escreva para: The Tearfund Publications team, Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido

O guia pode ser baixado gratuitamente no site TILZ (<http://tilz.tearfund.org/portugues>).

Edições anteriores da *Passo a Passo*

- *Passo a Passo 88* – Gestão de Desastres Essa edição traz um artigo intitulado "Trabalhando com pessoas deslocadas", relevante para situações de conflito.
- *Passo a Passo 68* – Perdão e Reconciliação Concentrando-se em como respondemos ao conflito e procuramos construir uma paz duradoura, essa edição traz artigos como "Aprendendo a resolver os conflitos" e estudos de caso da Colômbia, da República Democrática do Congo, da Irlanda do Norte e do Camboja.
- *Passo a Passo 36* – Lidando com Conflitos Essa edição de 1998 traz uma matéria sobre "Como as pessoas reagem ao conflito" e um estudo bíblico sobre "Como amar os nossos inimigos".

Todas as edições da *Passo a Passo* podem ser lidas ou baixadas no site TILZ. Para solicitar exemplares impressos, entre em contato com a Editora, e eles serão enviados conforme disponibilidade.

Obrigado a todas as bibliotecas que responderam ao nosso chamado!

Recebemos um grande número de solicitações de exemplares passados da *Passo a Passo* e, no momento, estamos processando suas cartas e e-mails. Agradecemos por sua paciência em aguardar nossa resposta. Se ainda não tiver recebido resposta, por favor, escreva-nos novamente (pelo correio, para o endereço de costume, ou por e-mail), pois a sua correspondência talvez não tenha chegado até nós.

Análise de conflitos prática

Quando os conflitos se tornam violentos, as organizações que trabalham na zona de conflito geralmente têm três maneiras de responder:

- **Trabalhar *ao redor* do conflito**
Paramos de trabalhar nas áreas que ultrapassaram certo limite de violência.
- **Trabalhar *em meio* ao conflito**
Continuamos servindo nas áreas violentas de uma maneira “sensível ao conflito”, mas não tentamos lidar com o conflito diretamente.

- **Trabalhar *com* o conflito**
Trabalhamos com a reconciliação, a construção da paz e as causas subjacentes da violência.

Trabalhar *em meio* ao conflito é quase tão desafiador quanto trabalhar *com* o conflito – pois, em ambos os casos, é necessário começar com uma **análise de conflitos** detalhada. Seja para ativamente construir a paz, seja para simplesmente continuar trabalhando num ambiente violento sem causar danos, a primeira coisa a fazer é entender o conflito.

Sem uma boa análise de conflitos, não podemos responder às perguntas fundamentais de uma abordagem sensível ao conflito: “**Como o nosso trabalho afetará**

o conflito?” e “Como o conflito afetará o nosso trabalho?”. E, se as respostas que obtivermos para estas perguntas estiverem erradas, nossos projetos poderão facilmente causar danos, aumentando a vulnerabilidade das pessoas ao conflito e colocando a nós e aos nossos funcionários em risco.

Duas ferramentas comuns da análise de conflitos são:

- o triângulo do conflito (veja abaixo)
- o mapa do conflito (veja a página 8).

Para obter mais informações, consulte o livro da RTC *Working with Conflict: skills and strategies for action* e o *Guia da Boa Prática da Tearfund sobre Sensibilidade ao Conflito* (disponível em inglês no site TILZ).

Triângulo do conflito

O **comportamento** violento que vemos nos conflitos tem suas raízes nas **atitudes** das pessoas e no **contexto** político-econômico. O triângulo do conflito é uma estrutura simples para explorar o impacto e as causas do conflito. Deve-se fazer um triângulo para cada um dos principais grupos envolvidos no conflito.

Se estiver trabalhando *em meio* ao conflito, você pode usar o triângulo para responder a perguntas como:

- Como o nosso trabalho será afetado pelos comportamentos que identificamos? Nosso trabalho afetará algum fator contextual que fomenta o conflito?

- Como os nossos funcionários e o nosso trabalho serão vistos por cada grupo, dadas as atitudes que identificamos?

Se estiver trabalhando *com* o conflito, você também pode usar o triângulo para responder:

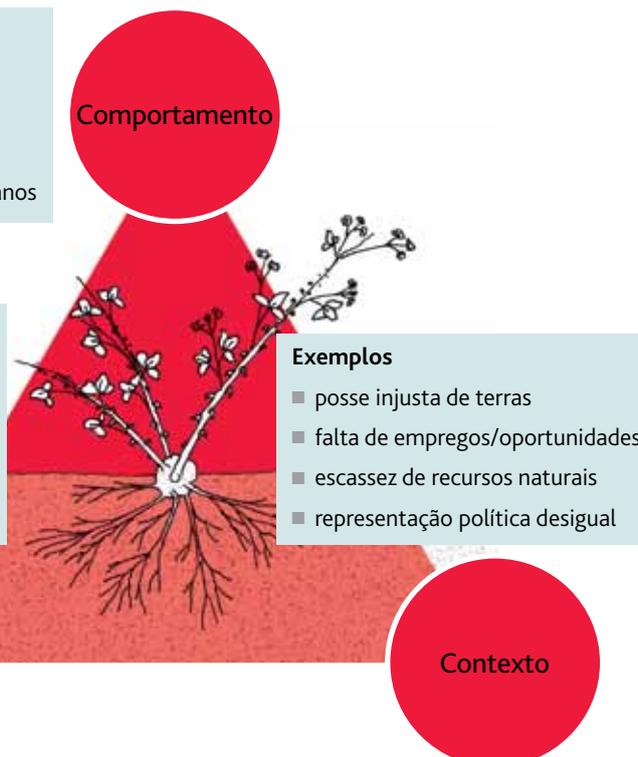
- Como o nosso trabalho pode restaurar as relações enfrentando as atitudes negativas?
- Como o nosso trabalho pode melhorar os fatores contextuais que fomentam o conflito?

Exemplos

- tumultos
- atentados a bomba
- prisões em massa
- negação dos direitos humanos

Exemplos

- medo de perder o poder
- ressentimento por injúrias históricas
- estereótipos negativos
- ódio étnico ou religioso



Exemplos

- posse injusta de terras
- falta de empregos/oportunidades
- escassez de recursos naturais
- representação política desigual

Raízes e o que vemos

Às vezes, o conflito violento é superficial ou **aparente** – as raízes da violência não são profundas: talvez estejam baseadas em mal-entendidos.

Em outros contextos, pode haver pouco comportamento violento, mas há problemas com raízes profundas nas atitudes das pessoas e no contexto. Esse é um conflito **latente**, em que é essencial lidar com suas raízes antes que ele leve à violência de fato.

O tipo mais difícil de conflito é o conflito **persistente**, em que a violência é visível e tem raízes profundas.

Mapa do conflito

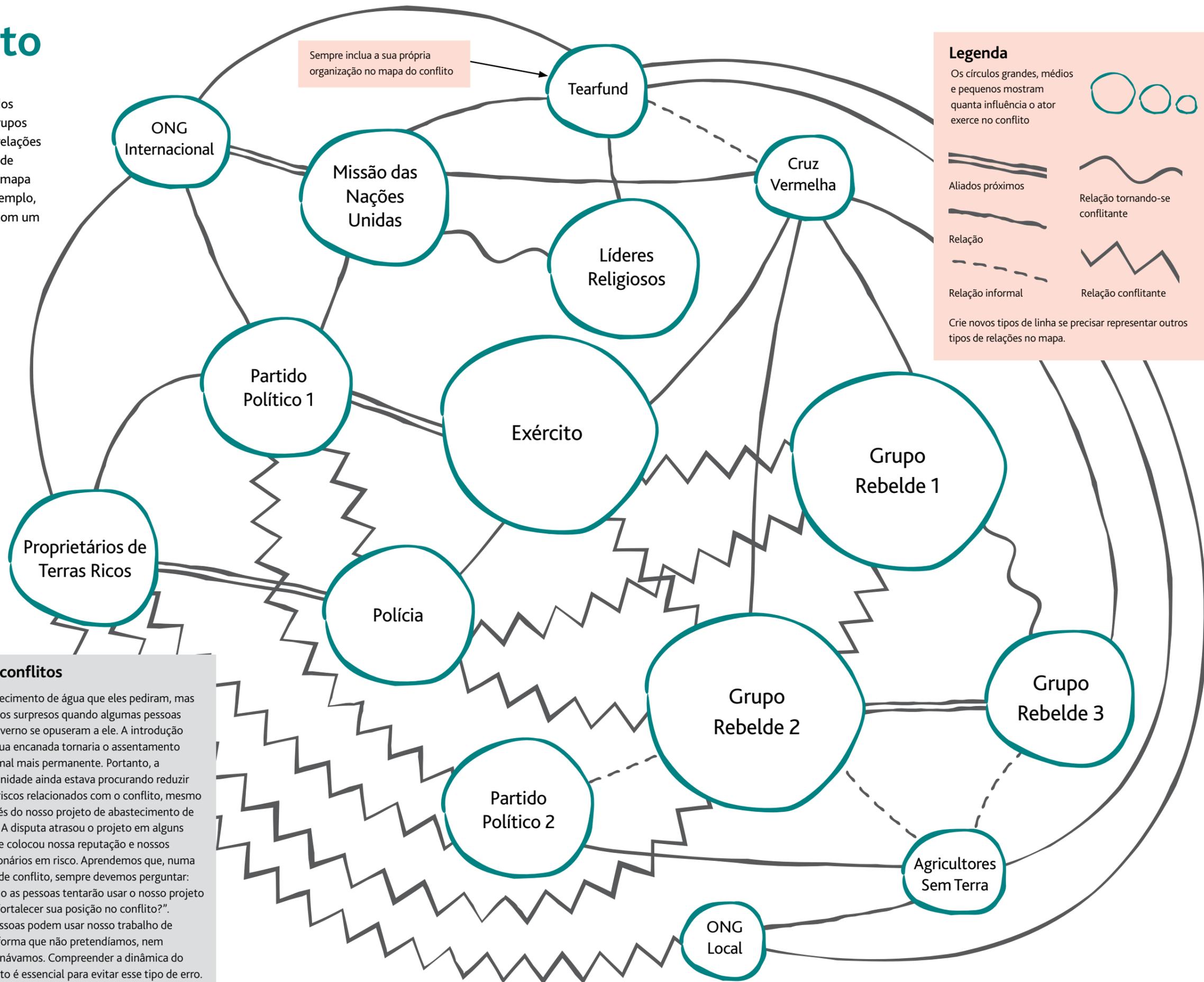
Também chamado de mapa das relações ou mapa dos atores, ele usa círculos para mostrar os principais grupos envolvidos no conflito e linhas para representar as relações entre eles. Assim como na maioria das ferramentas de análise de conflitos, a melhor maneira de criar esse mapa é através de uma atividade em grupo, como, por exemplo, com todos os funcionários de uma organização ou com um grupo comunitário.

Se estiver trabalhando em meio ao conflito, você pode usar o mapa para responder a perguntas como:

- Dadas as nossas relações com alguns grupos, como os outros grupos provavelmente nos veem?
- Precisamos formar ou consertar relações com alguém nesse mapa?
- Nesse mapa, quem se beneficia com o nosso trabalho? Como isso afetará o conflito e a maneira como outros grupos nos veem?

Se estiver trabalhando com o conflito, você também pode usar o mapa para responder:

- Que relações, nesse mapa, poderíamos restaurar, fortalecer ou criar para reduzir o conflito?
- Podemos nos envolver com todos os grupos que exercem mais influência no conflito?
- O nosso trabalho lida com as causas fundamentais do rompimento de relações entre grupos nesse mapa?



Estudo de caso – Afeganistão

Por que precisamos de uma análise de conflitos

A Tearfund trabalha em Kandahar, no Afeganistão, há muitos anos. Servimos num assentamento informal construído em terras do governo, onde pessoas deslocadas de todo o país vivem sem permissão oficial.

Um dos nossos projetos visava ajudar as comunidades a reduzir seu risco de desastres. Começamos pedindo-lhes para que identificassem seu maior risco. Ao invés de responder “enchente” ou “seca”, dessa vez a resposta foi “a polícia”. Os rebeldes que viviam na vizinhança estavam brigando com a polícia, colocando os moradores em perigo.

Nosso projeto não consistia no trabalho com questões de conflito, portanto pedimos para que eles escolhessem uma ameaça natural ao invés disso! Trabalhamos no projeto de

abastecimento de água que eles pediram, mas ficamos surpresos quando algumas pessoas do governo se opuseram a ele. A introdução de água encanada tornaria o assentamento informal mais permanente. Portanto, a comunidade ainda estava procurando reduzir seus riscos relacionados com o conflito, mesmo através do nosso projeto de abastecimento de água. A disputa atrasou o projeto em alguns anos e colocou nossa reputação e nossos funcionários em risco. Aprendemos que, numa zona de conflito, sempre devemos perguntar: “Como as pessoas tentarão usar o nosso projeto para fortalecer sua posição no conflito?”. As pessoas podem usar nosso trabalho de uma forma que não pretendíamos, nem imaginávamos. Compreender a dinâmica do conflito é essencial para evitar esse tipo de erro.

Pacificadores em ação

Dois homens que trabalham

Nordeste da Índia

Insight de Bann Makan

No início dos anos 90, houve confrontos violentos entre dois grupos étnicos do nordeste da Índia. Os dois principais grupos envolvidos foram os nagas e os kukis de língua thadou. A tensão entre os grupos e a competição pela posse e pelo uso da terra já ocorriam há várias gerações. Porém, durante essa nova erupção de conflito, a violência alcançou um grau jamais visto e espalhou-se pelo estado.



Bann Makan assume a história...

Uma área de 60 hectares de belas colinas, a 30 km de Imphal, era o nosso lar. Havíamos estabelecido um Centro de Treinamento Pastoral e uma escola primária para as crianças nagas, kukis e meiteis dos povoados vizinhos. A tensão entre os kukis e os nagas recém havia começado, deflagrando uma guerra civil. Presos em meio ao confronto, fomos forçados a deixar nossas terras. O Centro foi atacado num domingo pela manhã. Quando chegamos ao Centro, vimos que 14 das 15 casas haviam sido totalmente consumidas pelo fogo. Porém, Deus havia-nos preparado para enfrentar a realidade dessa enorme perda através de um sinal ao nos aproximarmos do povoado naquele dia ensolarado. Estampado

no horizonte, vimos o mais lindo arco-íris – não apenas uma, mas três camadas de arco-íris, mesmo sem chuva em parte alguma! Fomos lembrados da promessa de Deus a Noé, em Gênesis 9:12-13. Encontramos outra garantia da promessa de Deus em dois livros meio queimados nas ruínas, ambos abertos na passagem de Filipenses 4:19: “O meu Deus suprirá todas as necessidades de vocês...”.

Somos nagas e ministramos em comunidades multiétnicas como prestadores de cuidados para dependentes de drogas, pessoas com HIV e pessoas pobres e marginalizadas, plantando igrejas e treinando líderes. Embora não façamos parte do principal grupo étnico, para nós, Imphal é o nosso lar. Quando a tensão aumentou, muitos nagas partiram, mas nós

permanecemos. Porém, nossos amigos nos aconselharam a irmos para um local mais seguro, então, acabamos indo embora por três meses. Quando retornamos, ainda havia tensão política. A identidade é uma questão delicada aqui.

Ministrando num local violento

Enfrentamos desafios e ameaças – tumultos constantes, protestos civis (bandhs), tiroteios e explosões de bombas. Procurar locais seguros para nos escondermos quando as balas passavam voando em frente à nossa casa e receber telefonemas ameaçadores faziam parte da nossa vida enquanto seguíamos ministrando. O chamado de Deus na nossa vida tornou-se mais forte, e, em meio à tensão crescente, ainda conseguimos abrir uma clínica, onde muitas vidas foram transformadas no centro da área mais volátil. A pequena igreja que plantamos ramificou-se em oito igrejas atualmente. Fomos audaciosos, e Deus, que nos ordenou “para um momento como este”, protegeu-nos e trabalhou através de nós. Ele abençoou nossos insignificantes esforços humanos fazendo com que dêssemos fruto, fruto que permanece (João 15:16).

Eu fazia parte do Comitê da Paz e encontrava-me com diferentes grupos étnicos, políticos, a polícia e representantes do governo para alcançar a paz e a reconciliação. Ao voltar para casa, uma noite, fui perseguido por outro veículo, apesar da patrulha rodoviária paramilitar. Até mesmo nosso filho de cinco anos percebeu o perigo que estávamos correndo e perguntou à mãe se eu seria morto pelo grupo adversário. Isso me afetou tanto

O Comitê da Paz

O Comitê da Paz foi estabelecido em colaboração com a All Manipur Christian Organization (AMCO) em resposta à violência dos anos 90.

Todas as denominações foram representadas no Comitê. No início, passamos muito tempo orando e discutindo questões. Às vezes, parecia mais um centro de reclamações, pois vários dos próprios membros do Comitê haviam sido afetados pela violência. O trabalho da AMCO continua durante épocas de crise, mas o Comitê da Paz não se reúne mais. Pensando bem, agora, 20 anos após os principais confrontos, teria sido uma boa ideia continuar o trabalho do Comitê por

mais algum tempo. Ainda há rancor, e ainda é necessário trabalhar para alcançar uma paz duradoura.

Tínhamos três objetivos:

- Controlar os confrontos: evitar o incêndio de povoados e a morte de pessoas inocentes. Procuramos nos encontrar com o maior número de líderes possível. Foi uma época de desconfiança e suspeita. Os membros iam até áreas sensíveis com autorizações do governo e conversavam com as pessoas no local. Às vezes, usávamos autofalantes à distância para falar com os habitantes dos povoados.

- Cuidar das pessoas deslocadas e gerir o trabalho de ajuda humanitária. Demoramos para fazer esse tipo de trabalho. Não conseguíamos alcançar as áreas afetadas imediatamente, pois não era seguro. Os suprimentos de ajuda humanitária não chegavam aos locais onde eram mais necessários porque levava tempo para recolhê-los e distribuí-los, e a assistência dos doadores externos chegava tarde.
- Reunir as duas facções. Fizemos isso permanecendo neutros e nos comunicando com todas as partes envolvidas no conflito. Criar relações de confiança leva tempo.



em diferentes regiões do mundo contam suas histórias de pacificação prática

que tomei novas medidas para garantir minha segurança.

A compaixão não toma partido

Em situações de conflito, ou você chega a um meio termo e favorece um lado, ou você permanece neutro e cria relações. Nós escolhemos permanecer neutros, pedindo que a benção de Deus se manifestasse através de nós.

O conflito tira as perspectivas das pessoas. Em situações de conflito, as comunidades geralmente estão ali porque perderam suas perspectivas, permitindo que grupos de interesse dominem seu coração. Dizem que "podemos escolher nossos amigos, mas não podemos escolher nossos vizinhos". A situação no estado de Manipur é que os grupos étnicos vizinhos não estão se dando bem. Enquanto cristãos, devemos nos colocar acima da situação e construir pontes para a harmonia comunitária.

Construindo pontes

Deus coloca algumas pessoas em situações hostis e perigosas, com a garantia da sua

presença e proteção contínuas. Às vezes, não tínhamos mensagem alguma para dar às pessoas a fim de consolá-las e abençoá-las. Os momentos mais difíceis para mim eram quando eu conduzia funerais de vítimas do conflito, inclusive de um jovem policial morto pelo grupo adversário.

Em nossa função de prestadores de cuidados, frequentemente nos deparávamos com interesses em conflito. Uma vez, tive o privilégio de ajudar um jovem da comunidade que havia destruído o nosso centro de treinamento. Preso em meio à luta entre as duas comunidades, ele não podia levar a irmã, que estava doente, a Imphal para receber tratamento. Então, ele me procurou no escritório da minha igreja para pedir ajuda. Ele descrevia os sintomas da irmã, e eu pedia aos meus amigos, que eram médicos, para que receitassem o tratamento certo. Também lhe dávamos roupas, arroz e algum dinheiro. Seis meses mais tarde, ela se recuperou e, em sinal de agradecimento, ele me trouxe um ovo posto por sua própria galinha.

Logo depois dos tumultos comunitários, fui convidado a falar na conferência de pastores da comunidade que havia destruído nosso

centro de treinamento. A decisão de ir à conferência era séria, e eu estava em dúvida se seria uma boa ideia ir. Eles juraram pela própria vida que eu estaria em segurança, e eu fui. Foi uma boa decisão: fui aceito, e foi um sinal de perdão. O perdão é uma escolha. A maior alegria para nós é que, ao perdoarmos as pessoas que nos magoam, somos inacreditavelmente abençoados.

O Rev. Dr. Bann Makan é um ministro batista ordenado e o Diretor Executivo do El Shaddai Resource Centre (ESRC). Ele é formado pelo Fuller Theological Seminary, na Califórnia, e trabalhou em âmbito nacional e internacional com o desenvolvimento de liderança e ministérios de compaixão. Ele é o pastor da Centre Church Imphal há sete anos, plantou várias igrejas e atualmente está envolvido na tradução da Bíblia, em esforços de paz e na mobilização de igrejas para a Missão Integral. Bann e sua esposa servem juntos e foram abençoados com três filhos.

Adaptado a partir de um artigo publicado pelo Christian Medical Journal of India (Volume 27, Número 4), com sua amável permissão.

Irlanda do Norte

Entrevista com Mark Houston

Você pode nos contar um pouco sobre si mesmo?

Tenho 51 anos de idade e sou o Diretor da East Belfast Mission desde 2007. Sou casado e tenho duas filhas, uma de 23 e outra de 19 anos. Antes de ser o Diretor daqui, fui pastor da City Church, no lado sul de Belfast, por 12 anos.

Você pode nos dar uma ideia geral da tensão que se desencadeou em janeiro de 2013?

A briga começou por causa do hasteamento de uma certa bandeira do lado de fora de um prédio do governo. Em minha opinião, a tensão foi apenas um extravasamento de alguns anos de raiva, frustração e uma sensação da comunidade de estar sendo deixada para trás.



Como a situação afetou a comunidade?

A comunidade passou por trauma, catástrofe econômica, perda de confiança na polícia e nos políticos e um senso de desesperança e desespero. Foi algo devastador em vários sentidos.

Como você participou da busca de um final pacífico para a crise? Quem mais participou desse processo?

Particpei diariamente juntamente com outros líderes comunitários, líderes de igrejas, a polícia e políticos. Juntos, conseguimos lançar uma petição assinada pelos membros da comunidade. Para a nossa alegria, o resultado foi o fim da maior parte da violência nas ruas.

Que papel você acha que os cristãos podem desempenhar na resolução de conflitos/construção da paz?

Jesus disse "Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus". Eu acredito que ele queria dizer que a pacificação e a construção da paz são o "negócio da família" de Deus. Precisamos de diligência, treinamento, comprometimento e muita paciência, mas se não ouvirmos esse chamado, enquanto seguidores de Jesus, não estaremos refletindo o coração de Deus.

Habilidades práticas: facilitação de diálogo

No processo de resolução de conflitos, é importante procurar maneiras de aumentar as possibilidades de diálogo entre as partes envolvidas. O diálogo é frequentemente abandonado rápido demais, à medida que as emoções aumentam e as pessoas começam a usar a força como estratégia. Porém, no final, as partes retornam ao diálogo para tentar encontrar um acordo que ponha fim ao conflito.

A facilitação de diálogo é uma habilidade que pode ser especialmente útil durante o estágio de confrontação, antes de a situação se polarizar para um ponto de crise. Naturalmente, a aplicação dessa habilidade precisará ser adaptada à cultura e às circunstâncias específicas em que você estiver trabalhando. A facilitação de diálogo permite que as pessoas compartilhem seus próprios pontos de vista e ouçam pontos de vista diferentes sobre uma questão política

ou social, passando, então, a compreender melhor a sua situação. O principal objetivo do diálogo não é entrar em acordo, mas sim compreender.

Qualquer tentativa de incentivar grupos conflitantes a iniciar um diálogo deve garantir que não aumentará a tensão. As seguintes diretrizes visam evitar que isso ocorra.

Saiba quais são os seus próprios objetivos e função



Enquanto facilitador, saiba o que faz e o que não faz parte da sua função. A sua função é auxiliar o processo de comunicação sem expressar seus próprios pontos de vista sobre a questão que está sendo discutida. O seu objetivo é oferecer uma situação e um ambiente em que pontos de vista diferentes possam ser trocados e ouvidos com sinceridade, mas sem hostilidade.

Enquanto facilitador, você é responsável pelo processo, mas não pelo conteúdo da discussão. Se estiver trabalhando numa equipe de facilitadores, é importante que os cofacilitadores entrem em acordo antecipadamente sobre suas funções e objetivos. Também é importante que você os explique claramente aos participantes e verifique se eles compreenderam e estão de acordo.

Auxilie os participantes a entrarem em acordo sobre as regras básicas para o diálogo



Ajude-os a estabelecer diretrizes para si próprios que lhes pertençam e sejam seguidas durante o diálogo. Considere e esclareça antecipadamente o mecanismo para lidar com dificuldades.

- Como as pessoas avisarão que desejam falar, e quem lhes dará a palavra? Quem decidirá se as regras básicas foram respeitadas?
- Pense antecipadamente sobre o que você, enquanto facilitador, fará em certos casos. As pessoas podem testar os limites. Como você responderá?
- Você sabe exatamente quem estabeleceu as regras para poder dizer que elas foram acordadas pelo grupo inteiro ou que elas foram decididas por um comitê de planejamento?
- Você está disposto a discutir a possibilidade de mudar as regras? Se estiver, como? Se todos concordarem, por maioria de votos ou de alguma outra forma?

Ajude os participantes a identificar seus próprios objetivos



Antes da sessão, procure se encontrar com os principais membros dos grupos envolvidos para ajudá-los a estabelecer seus próprios objetivos. Isso aumentará a probabilidade de que os grupos "se apropriem" da estrutura e dos propósitos do processo e os apoiem. De qualquer maneira, uma breve declaração dos objetivos acordados deve ser feita no início para lembrar a todos o motivo de estarem ali.

POR EXEMPLO: eles talvez queiram apresentar as percepções do seu lado ou uma posição partidária, conquistar votos para uma próxima eleição, oferecer uma visão às pessoas sobre o futuro ou apresentar uma perspectiva pessoal. Esse objetivo está de acordo com os propósitos das outras partes da discussão?

Alguns possíveis cenários

Há várias situações em que talvez se queira incentivar e facilitar o diálogo político e/ou social, como, por exemplo:

- Dentro de um grupo em que os membros não querem conversar sobre seus pontos de vista em relação a um tópico político ou social difícil ou discutem seus pontos de vista de forma negativa ou agressiva.
- Entre grupos diferentes, ao se encontrarem seja para conversarem especificamente sobre seus pontos de vista em relação a uma questão política ou social, seja para outra tarefa ou propósito, sempre que houver probabilidade de surgir uma questão difícil.
- Numa reunião privada entre personalidades políticas adversárias, facilitada por outra pessoa mais neutra (que talvez as tenha reunido).



Incentive os participantes a ouvirem uns aos outros

Com frequência, as pessoas parecem ouvir pouco nas conversas políticas – é o que alguns chamam de “diálogo de surdos”. Enquanto uma pessoa fala, os outros preparam mentalmente o que querem dizer e escutam somente para contradizer os argumentos alheios.

Para que haja mudança, as pessoas devem realmente ouvir umas às outras e sentir que foram ouvidas. Enquanto facilitador, você precisa pensar em maneiras de incentivar as pessoas a ouvir. Algumas maneiras de ajudar as pessoas a se ouvirem são:

- Parafrasear, isto é, verificar o que as pessoas disseram e mostrar-lhes que foram ouvidas.

EXEMPLO: “Você está dizendo que...?”

- Fazer perguntas que ajudem as pessoas a apresentar seu ponto de vista pessoal ao invés de uma declaração do partido, se o contexto permitir que as pessoas se coloquem em posições vulneráveis.

EXEMPLO: “Você sempre pensou assim?” ou “Que experiência o levou a isso?”

- Incentivar respostas aos sentimentos e às experiências, bem como aos problemas.

EXEMPLO: “Você consegue ver como a outra pessoa se sente com isso?”

Apesar da pressão por causa de tudo que um facilitador deve fazer, procure focar seu olhar e sua atenção na pessoa que estiver falando e procure imaginar como cada ouvinte está lidando com o que está sendo dito. Se houver qualquer possibilidade de que os ouvintes estejam tendo dificuldades, incentive a pessoa que estiver falando a ir mais devagar, falar mais alto ou definir os termos usados. Se possível, tenha um cofacilitador para cuidar da hora, do processo e tomar notas, deixando-o livre para se concentrar no conteúdo das discussões e nos participantes.

Tenha uma estratégia para lidar com emoções fortes



O primeiro passo ao lidar com as emoções fortes é percebê-las. Enquanto facilitador, fique atento a sinais que indiquem sentimentos fortes e, então:

- Procure oferecer uma maneira segura para que as pessoas expressem suas emoções fazendo perguntas abertas, que lhes deem a oportunidade de falar sobre seus sentimentos sem serem forçadas:

EXEMPLO: “Você gostaria de nos contar como reagiu a isso?”

Ou ofereça um formato ou estrutura que permita que as pessoas expressem seus sentimentos de forma estruturada:

EXEMPLO: “Quando você faz/diz _____, eu me sinto _____ porque _____.”

- Se possível faça com que as pessoas falem sobre a experiência que causou o sentimento ao invés de expressar várias vezes o mesmo sentimento.
- Procure oferecer maneiras de transformar as emoções agressivas em emoções mais vulneráveis: por exemplo, a raiva pode estar encobrindo a mágoa ou a tristeza, enquanto o medo pode ser uma expressão de desesperança ou impotência. Mas não force as pessoas a assumirem mais riscos do que podem. Você só pode criar a oportunidade – elas é que devem decidir se a usarão ou não.

- Embora seja melhor que as emoções sejam expressas pelas pessoas que as sentem, às vezes, o facilitador pode verbalizar as emoções que vê no grupo.

EXEMPLO: o facilitador pode dizer “isso me deixa pouco à vontade porque pode magoar algumas pessoas presentes”.

- Esteja preparado para que surjam sentimentos paralelos e dê espaço para eles sejam expressos – mas procure lidar com um de cada vez, prometendo voltar a dar atenção aos outros mais tarde.
- Sempre que possível, deixe que os participantes respondam às emoções uns dos outros de forma natural, sem intervir para proteger ou direcioná-los, a menos que pareça necessário.

Falar sobre as emoções e experiências pode nos libertar das nossas posições e permitir que nos concentremos nas necessidades. Se formos além das “posições partidárias” e usarmos de sinceridade, é mais provável que haja cooperação e uma discussão voltada para o problema, e não para as nossas estratégias para vencer. As perguntas abertas podem ajudar os participantes a sugerir futuras ações ou novas possibilidades para tentar satisfazer as necessidades de todos.

Da República Democrática do Congo ao Reino Unido

Treinamento em resolução de conflitos e educação para a paz

Ben Mussanzi wa Mussangu

O Centre Resolution Conflicts (CRC) é um centro de treinamento sobre construção da paz e resolução de conflitos liderado pela comunidade, fundado na República Democrática do Congo, em 1993. Ele agora tem duas filiais, uma que trabalha nas condições arriscadas de segurança de Ituri e Kivu do Norte, no leste da República Democrática do Congo, e outra, no ambiente relativamente pacífico de Bradford, no Reino Unido. O principal foco do trabalho do CRC é o treinamento em resolução de conflitos e educação para a paz, porém, na República Democrática do Congo, o centro também trabalha recuperando crianças-soldados.

Realizamos oficinas de treinamento que abordam diferentes aspectos da resolução e prevenção de conflitos, incluindo os seguintes tópicos: "como as pessoas respondem ao conflito", "como reduzir o preconceito", etc. Entretanto, os tópicos variam dependendo do contexto e se a época é de conflito ou de paz. Na República Democrática do Congo, examinamos tópicos práticos, como, por exemplo, hospitalidade para os repatriados, eleições democráticas e transparentes e a reintegração de ex-crianças-soldados. O principal impacto das sessões de treinamento

do CRC na República Democrática do Congo é a resolução de conflitos intercomunitários.

Usamos um modelo de mediação que chamamos de "mediação baseada na facilitação". Convidamos ambas as partes do conflito para uma sessão de treinamento. Durante o treinamento, muitos se dão conta de que cometeram injustiças e pedem perdão aos outros. Às vezes, quando realizamos oficinas de treinamento para líderes de igrejas ou estudantes de escolas cristãs de ensino superior, os participantes pedem uma sessão especial com foco no perdão e na reconciliação com os vizinhos.



Participantes reunidos após uma sessão de treinamento no território de Beni, na República Democrática do Congo.

Trabalho desafiador

Nosso trabalho tem seus desafios tanto para os participantes quanto para os treinadores. O primeiro desafio é garantir que os participantes ponham em prática o que aprenderam nas oficinas de treinamento. As pessoas que vêm para receber treinamento frequentemente são Pessoas Internamente Deslocadas (PID) que sofreram trauma, perderam todos os seus pertences e atualmente vivem sem alimento suficiente. É difícil para elas se concentrarem na aprendizagem, pois estão preocupadas com o futuro. O segundo desafio é proporcionar boas condições para as oficinas de treinamento, inclusive lanches e algum dinheiro para pagar o transporte e o alojamento dos participantes. Porém, tanto na República Democrática do Congo quanto no Reino Unido, os participantes e os treinadores beneficiaram-se com o treinamento. Os participantes desenvolvem habilidades de resolução de conflitos. Os treinadores e os apresentadores de rádio também se beneficiam porque precisam aprender para transmitir esses conhecimentos, e isso os ajuda a crescer.

Pacificadores locais

Após a oficina de treinamento, os participantes escolhem membros para um Comitê Local da Paz (CLP). O modelo do CLP é a essência da visão do CRC. O comitê é formado por sete pessoas (inspirado pela história de Atos 6): um líder, um secretário e conselheiros. Eles não cobram pelo seu aconselhamento. Quando os treinadores do CRC deixam um povoado, o CLP assume o trabalho de resolução de conflitos e ajuda a gerir qualquer novo conflito na área. Isso permite que o CRC possa ir para outros povoados e prestar apoio somente onde houver maior necessidade.

O CRC também auxilia os participantes oferecendo aconselhamento jurídico para aqueles que precisam. Em muitos casos, uma das partes de um conflito quer recorrer ao tribunal, mas frequentemente se desaponta com o sistema de justiça. Os CLPs podem ajudar oferecendo mediação entre as duas partes.

A ideia de estabelecer o CRC no Reino Unido surgiu após os atentados terroristas a bomba em Londres, em julho de 2005, quando percebemos que havia jovens vulneráveis envolvidos nesse triste evento. Nós nos comprometemos em contribuir para a paz focando na educação de jovens, bem como ajudando requerentes de asilo e migrantes a se integrarem na sociedade.

Paz nas ondas de rádio

Um dos nossos projetos de maior sucesso é o programa de rádio "Música da Paz", criado pelo CRC em Bradford. A ideia é usar a música como ferramenta para transmitir nossa mensagem

Estudo de caso

Num dos parques nacionais do Território de Lubero, reservado para gorilas, as comunidades vizinhas e os gestores do parque têm uma relação tensa. A MONUSCO (Missão da Organização das Nações Unidas para a Estabilização da República Democrática do Congo) reconheceu que essa era uma situação complexa e pediu a expertise do CRC. Após várias sessões de mediação com base no modelo de facilitação, o CRC conseguiu resolver o conflito. Foi surpreendente ver os dois lados que haviam estado em conflito sentados juntos ao redor de uma mesa assinando um acordo de paz, publicamente desistindo dos pensamentos de vingança e, ao invés disso, resolvendo o conflito com seus antigos adversários.

de paz para a nossa cidade, mas também estamos alcançado o mundo pela Internet. Não escrevemos nossa própria música porque já existe muita música boa! Ao invés disso, somos como "chefs" de restaurante. Os chefs não precisam ser agricultores: eles simplesmente vão ao mercado e compram alimentos para preparar uma boa refeição para ser apreciada pelos clientes. Porém, junto com a música, transmitimos mensagens educativas. As pessoas podem escutar o programa na Internet. Recebemos feedback positivo de partes do mundo onde nunca estivemos e às quais talvez nunca cheguemos a ir!

Na República Democrática do Congo, temos dois programas de rádio chamados "Na escola da sabedoria" e "Paz e desenvolvimento". O segundo programa apresenta entrevistas com convidados especiais, que falam sobre questões de desenvolvimento, como, por exemplo, segurança, alimentação saudável, etc.

O conflito pode parecer ser diferente na República Democrática do Congo ou no Reino Unido, mas os princípios para resolvê-lo são os mesmos. É necessário ter determinação, perdoar, ouvir e compreender, mas somos abençoados quando participamos da pacificação do mundo em que vivemos.

Ben Mussanzi wa Mussangu, o fundador do CRC, quase foi morto na República Democrática do Congo por crianças-soldados do seu próprio grupo étnico. Após ser libertado milagrosamente, ele cofundou o CRC em 1993, com sua esposa Kongosi. Hoje, 20 anos mais tarde, o CRC trabalha em contínua instabilidade no leste da República Democrática do Congo e em Bradford, no Reino Unido. Agradecemos aos membros do CRC de Beni e de Bradford por sua valiosa contribuição. Para obter mais informações sobre o CRC, visite www.cr-conflict.org e www.centresresolutionconflits.org

Por favor, escreva para: The Editor, Footsteps, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido
E-mail: publications@tearfund.org

Formas tradicionais de prever o tempo

O alerta precoce de desastres ou condições meteorológicas extremas pode permitir que as comunidades tomem medidas antecipadas, salvando vidas e protegendo meios de vida. A ciência climática e a meteorologia (ciência do tempo) podem fornecer informações úteis, porém, muitas comunidades já possuem formas existentes ou tradicionais de prever o tempo ou os eventos extremos através da observação do comportamento dos animais, dos pássaros, dos insetos, do vento e das nuvens. Por exemplo, devido aos seus conhecimentos locais sobre o mar, uma comunidade da Indonésia salvou a vida de mais de 80.000 pessoas durante o tsunami de 2004 incentivando-as a se mudarem para terras mais elevadas.

Gostaria de saber que métodos ou sistemas tradicionais vocês usam na sua comunidade. Vocês têm maneiras de prever condições meteorológicas extremas ou desastres? Eu gostaria de coletar esses conhecimentos e compartilhá-los com outros leitores.

Obrigada!

Claire Hancock
Responsável de Segurança Alimentar, Tearfund
claire.hancock@tearfund.org

Passo a Passo em suaili

Obrigado pelo incentivo em meu objetivo de traduzir a revista *Passo a Passo* e outras publicações da Tearfund para o suaili, nosso idioma nacional, para que muitas outras pessoas possam entender seu conteúdo. Li cuidadosamente e compreendi as diretrizes para tradução e prometo segui-las quando começar esse trabalho.

Israel Saghware
ELCT Mbulu Diocese
PO Box 16
Mbulu
Tanzânia

NOTA DA EDITORA: *Você atualmente traduz a Passo a Passo para o suaili? Você já traduziu alguma das nossas edições passadas ou outras publicações da Tearfund? Se a resposta for sim, por favor, entre em contato com Israel Saghware pelo endereço acima. Se tiver traduzido alguma das nossas publicações para qualquer outro idioma, adorariamos saber! Isso significa que podemos compartilhar o seu trabalho com outras pessoas e, se tivermos uma cópia eletrônica, podemos colocá-la no nosso site TILZ.*

Conselhos para iniciar um programa de treinamento sobre a resolução de conflitos

O conflito faz parte da nossa vida terrena, mas queremos trazer união, paz, harmonia e coesão para as nossas comunidades.

Para as pessoas que se sentem inspiradas a iniciar da estaca zero, como nós mesmos fizemos, e buscar o sonho de alcançar mudanças para suas comunidades, oferecemos os seguintes conselhos:

- Descubra quais são as necessidades da comunidade local em termos de resolução de conflitos.
- Escolha uma abordagem ou um estilo de resolução de conflitos adequado para você, como treinador, e que beneficie sua comunidade (por exemplo, mediação intercomunitária direta, modelo de mediação através da facilitação, alternativas para a violência, etc.). Há mais de uma maneira de ser bem-sucedido.

- Recrute e selecione treinadores.
- Comece com as definições mais simples no seu treinamento.
- Concentre-se nas coisas essenciais ao invés de fornecer informações demais aos participantes numa só sessão.
- Lembre-se do que é chamado de "princípio de três pilares":
 1. Muitas pessoas podem reservar vagas, mas as pessoas certas comparecerão.
 2. Comece quando sentir que os participantes estão prontos para começar.
 3. Pare quando sentir que eles estão cansados.
- Se possível, forneça apostilas bem simples.
- Lembre-se de que as pessoas à sua volta podem não compreender a sua visão ou podem tratá-lo com hostilidade.

Violência sexual em zonas de conflito

A violência assume várias formas em situações de conflito. Uma área sobre a qual é difícil falar abertamente é a violência sexual. Contudo, por todo o mundo, milhares de pessoas, na maioria mulheres e crianças, mas também homens e meninos, sofrem ataques que deixam cicatrizes profundas, tanto física quanto psicologicamente.

A violência sexual acarreta danos físicos, humilhação e trauma psicológico. Ela destrói famílias e comunidades e pode resultar em gravidez indesejada, deficiência de longo prazo, doenças transmitidas sexualmente e até mesmo a morte.

O estupro e outras formas de violência sexual são formas de abuso de poder e controle sobre pessoas mais vulneráveis. A sociedade pode culpar os sobreviventes da violência sexual, mas eles não são os responsáveis. Contudo, a maioria dos sobreviventes nunca obtém justiça e tem dificuldade em acessar assistência médica, psicológica e econômica. Pode-se evitar uma violência ainda maior através da proteção das pessoas mais vulneráveis da sociedade. As comunidades também podem auxiliar os sobreviventes no acesso à justiça e ao atendimento médico. Os incidentes de violência sexual podem ser denunciados nas delegacias de polícia (especialmente se houver um serviço dedicado a questões de gênero)

ou nas agências das Nações Unidas, através dos pontos focais para a violência baseada no gênero.

A desigualdade de gênero é tanto uma causa quanto uma consequência da violência contra as mulheres. Tratar uma pessoa como se ela fosse diferente de nós, como o "outro", com menos valor do que nós, pode fomentar o conflito e a violência. Porém, a Bíblia nos ensina que tanto os homens quanto as mulheres são feitos à imagem de Deus e que ambos foram encarregados por Ele de serem corresponsáveis pelo domínio da criação (Gênesis 1: 27-28). Precisamos retornar ao plano original de Deus e restaurar relações entre os homens e as mulheres conforme a vontade original de Deus.

Atitudes e ação da Igreja

Mudar as atitudes quanto à violência sexual leva muito tempo, mas a Igreja pode desempenhar um papel crucial nesse processo.



Chris Boyd / Tearfund

Os estudos bíblicos, os sermões e os materiais didáticos podem mudar as atitudes das pessoas em relação tanto às vítimas quanto aos perpetradores. São necessárias igrejas que cuidem, apoiem e ouçam as vítimas. Através de parcerias, elas podem ajudar a oferecer assistência médica, psicológica ou financeira aos sobreviventes.

A Igreja também pode se manifestar em todos os âmbitos (local e nacional) a fim de trazer a questão à tona. Se os líderes das igrejas tiverem coragem de falar sobre a violência sexual, eles influenciarão pessoas dentro e fora da comunidade cristã.

As igrejas nem sempre foram locais que recebem bem os sobreviventes da violência sexual, às vezes, reforçando a vergonha que as vítimas frequentemente sentem. Quando isso acontece, o arrependimento e o perdão se fazem necessários.

Iniciativas e recursos

- **We Will Speak Out** é uma coligação cristã global comprometida em combater a violência sexual em todas as comunidades ao redor do mundo (www.wewillspeakout.org ou We Will Speak Out, 100 Church Road, Teddington, Middlesex, TW11 8QE, Reino Unido).
- **Restored** é uma aliança cristã internacional que procura transformar relações e combater a violência contra as mulheres (www.restoredrelationships.org).

Com o nosso agradecimento a Aneeta Williams, Amanda Marshall e Sarah Reilly.

Estudo de caso

No leste da República Democrática do Congo, a Comunidade Batista no Centro da África (Communauté Baptiste au Centre de l'Afrique – CBCA) leva a questão da violência sexual de forma extremamente séria, particularmente quando as vítimas são crianças. A Igreja mobilizou seus membros e os professores, os alunos e os pais das suas escolas ligadas a igrejas para se tornarem atores fundamentais na luta contra a violência sexual.

A CBCA organizou uma oficina de treinamento de cinco dias para 40 dos seus funcionários da área de educação. Foram usados materiais desenvolvidos pela campanha Tamar, da África do Sul, para auxiliar a discussão sobre um caso chocante de estupro na Bíblia (2 Samuel 13). Isso permitiu que os participantes refletissem sobre o silenciamento das mulheres que foram estupradas, questões culturais em torno do estupro dentro das comunidades e a dificuldade de obter justiça.

Em resposta, os participantes decidiram que a maior necessidade era confrontar a compreensão atual dos membros das igrejas sobre a violência sexual. Eles escreveram uma declaração pedindo às autoridades da Igreja e do governo para que se manifestassem sobre a violência sexual e desenvolvessem políticas para lidar com a questão nas escolas. Algumas semanas após a oficina de treinamento, as palavras foram transformadas em ação. O Bispo da CBCA anunciou a formação de um grupo de alto nível para lidar com questões de violência sexual voltado para as escolas ligadas a igrejas. Em várias áreas, os professores beneficiaram-se com as oficinas e o treinamento sobre habilidades para a vida e a educação sobre a violência sexual.

Adaptado a partir de Silent No More, um relatório da Tearfund (2011) que pode ser baixado em: www.tearfund.org/tilz/silentnomore